DISPUTA ■ Com a licença de Renan Calheiros da presidência da Casa, PT e PMDB travam um silencioso e perigoso duelo pela cadeira

Senado põe coalizão em risco

Fernando Exman

■ BRASÍLIA. A disputa velada entre PT e PMDB pela presidência do Senado passou a preocupar os líderes dos partidos governistas na Câmara. Para esses deputados, o iminente entrevero entre as duas maiores legendas da coalizão pode atravessar o Salão Azul rumo ao Salão Verde do Congresso, o que dificultaria a aprovação de projetos de interesse do governo. O receio tem fundamento. Deputados peemedebistas já esboçam irritação com a possibilidade de o clima de sucessão no Senado contaminar a Câmara.

– O PMDB vê com preocupação o discurso de que a presidência do Senado não é do partido – revelou o deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ). – Essa situação no Senado deve ser estanque, pois na Câmara consolidamos uma ótima relação entre os partidos da coalizão.

Os deputados do PMDB lembram que o partido, por deter as maiores bancadas no Senado e na Câmara, tem o direito a presidir as duas Casas. Tal regra não está escrita, mas é uma tradição no Parlamento. Em fevereiro, o PMDB aceitou abrir mão da hegemonia no comando do Congresso e apoiou o petista Arlindo Chinaglia (SP) para presidir a Câmara. O PT, por sua vez, comprometeu-se a apoiar um candidato do PMDB à sucessão de Chinaglia.

– O apoio ao Chinaglia foi um ato de desprendimento da nossa bancada – disse Eduardo Cunha. – Se o PMDB do Senado apoiar um candidato de outro partido, será um ato de desprendimento deles.

O alarme do PMDB da Câmara soou quando o senador Tião Viana (PT-AC) deu sinais de que pretende se cacifar para permanecer na presidência do Senado. Vice-presidente da Casa, o parlamentar ocupa de forma interina a cadeira mais poderosa do Senado desde segunda-feira, quando começou a licença de Renan Calheiros (PMDB-AL). Fustigado por uma série de representações por suposta quebra de decoro parlamentar, o alagoano afastou-se do cargo por 45 dias para tentar salvar o mandato e os direitos políticos.

– Qualquer intenção de desrespeito à proporcionalidade no Senado, o que já foi observado, é perigoso – disse um dos deputados responsáveis pela ponte entre o Executivo e a Câmara sob a condição do anonimato. – Há que se dar um fim a essa situação, senão o PMDB da Câmara reagirá. Travará a pauta e votará contra o governo.

Não à toa o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que sempre se irrita ao ser perguntado no exterior sobre questões domésticas, fez questão de reservar alguns minutos da viagem que fez à África durante a semana para enviar um claro recado ao PT. Ciente do risco que corre, Lula ressaltou que o sucessor de Renan Calheiros (PMDB-AL) deve ser indicado pelo PMDB. Imediatamente, Tião Viana começou a negar com veemência que disputará a presidência do Senado. Outros parlamentares petistas também passaram a tentar evitar a crise.

– Não haverá problema nenhum – declarou o deputado Henrique Fontana (PT-RS), vice-líder do governo na Câmara. – Isso é fofoca de uns ou outros que não têm responsabilidade. O PT tem posição clara a respeito do assunto: quem vai presidir o Senado é o PMDB.

A principal preocupação do governo é a aprovação da proposta de emenda constitucional que prorroga até 2011 a cobrança da Contribuição Provisória Sobre Movimentação Financeira (CPMF). O Executivo espera arrecadar cerca de R$ 40 bilhões por ano por meio do imposto. O projeto já recebeu o crivo dos deputados, e passou a tramitar no Senado. Se for alterado pelos senadores, retorna à Câmara. O governo tem pressa porque, se a proposta não for aprovada até 31 de dezembro, a CPMF só poderá ser recriada no segundo trimestre do ano que vem. Ou seja: cerca de R$ 10 bilhões deixariam de ser recolhidos.

JOSÉ CRUZ/ABR

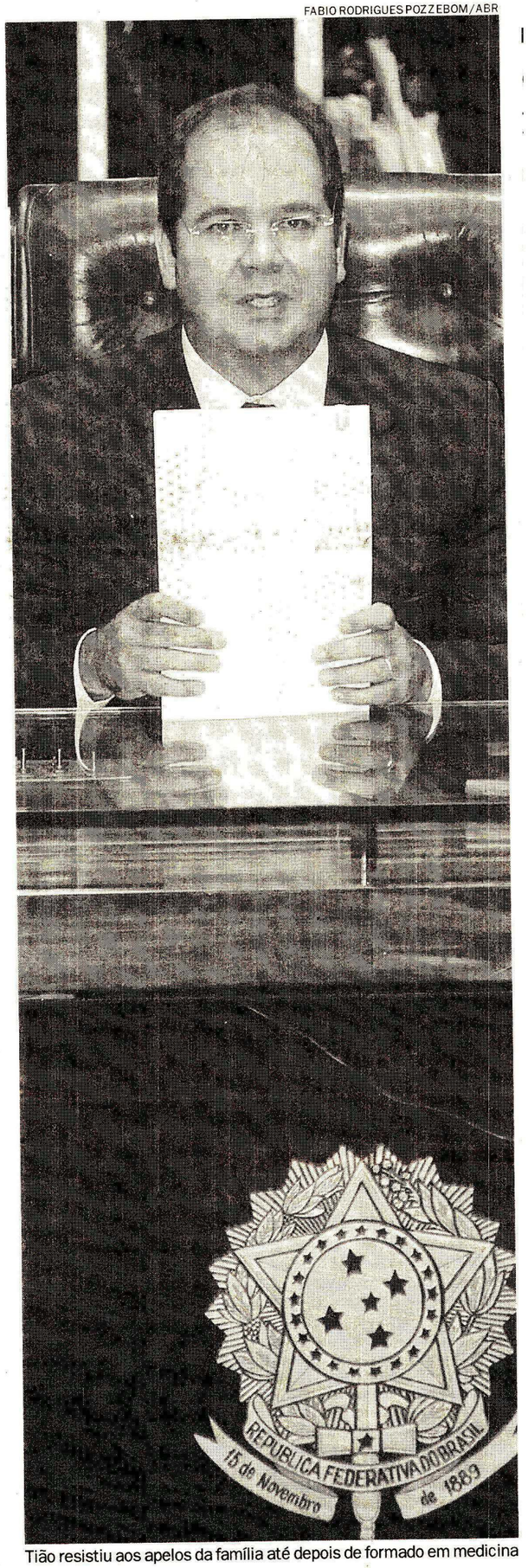
Renan se licenciou do cargo num acordo para salvar o mandato

ANTONIO CRUZ/ABR

> O PMDB vê com preocupação o discurso de que a presidência do Senado não é do partido. Na Câmara temos ótima relação entre os partidos
>
> **Eduardo Cunha**, deputado do PMDB

■ Leia e opine no **JB Online**. www.jb.com.br/**24 horas**

FABIO RODRIGUES POZZEBOM/ABR



Tião resistiu aos apelos da família até depois de formado em medicina